

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES (ECA-USP) DEPARTAMENTO DE
RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE E TURISMO (CRP)**

MARIÁH ROSA DA CRUZ
No USP 8702821

**A importância de entender a relação do sujeito com o consumo
excessivo através da própria formação psíquica e da sociedade
que vive**

SÃO PAULO
2021

MARIÁH ROSA DA CRUZ

A importância de entender a relação do sujeito com o consumo excessivo através da própria formação psíquica e da sociedade que vive

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências do curso de pós-graduação - especialização, para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro de Santi.

SÃO PAULO
2021

CRUZ, Mariáh Rosa da

A importância de entender a relação do sujeito com o consumo excessivo através da própria formação psíquica e da sociedade que vive

Monografia apresentada ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de especialista em “Cultura Material e Consumo: perspectivas semiopsicanalíticas”.

Aprovada em:

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o que mais tenho a fazer nessa fase que estou vivendo. Foram tempos difíceis, e agora começo a ver novamente o colorido da vida, e por ter essa oportunidade de chegar até aqui, agradeço!

Ao meu lado, sempre tive meus anjos que me incentivaram a continuar a caminhada, apesar de todos os contratemplos existentes a eles minha eterna gratidão.

“Somos feitos de carne,
mas temos de viver como se fôssemos de ferro”

Resumo

O presente ensaio procura refletir, sobre o universo do consumo, a partir dos diversos estudos e caminhos percorridos na pesquisa. Dialogando entre psicanálise, antropologia, cultura material, filosofia e sociologia. Para assim delimitar melhor a relação do sujeito que consome compulsivamente na atualidade, sua constituição subjetiva e os percalços dentro da sociedade brasileira. Possibilitando um melhor entendimento dos rituais de consumo e das dinâmicas que criam e alimentam as adições na atualidade.

Palavras chaves: Consumo, Compulsão, Psicanálise, Adição, Sociedade.

Abstract

This essay seeks to reflect on the universe of consumption, based on the various studies and paths taken throughout the research. Dialoguing between psychoanalysis, anthropology, material culture, philosophy and sociology, in order to better delimit the relationship of the subject who consumes compulsively today, their subjective constitution and the mishaps within Brazilian society. Enabling a better understanding of consumption rituals and the dynamics that create and feed addictions today.

Keywords: Consumption, Compulsion, Psychoanalysis, Addiction, Society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -Fluxo do ritual de consumidor compulsivo.....	17
--	----

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Formação do indivíduo e desejo numa visão psicanalítica.....	13
3. Consumo e seus desdobramentos na atualidade.....	16
4. Compulsão/ Adição no consumo.....	19
5. Dimensões do consumo no Brasil e endividamento.....	23
6. Considerações finais.....	25
7. Referências bibliográficas.....	26

1. Introdução:

O fenômeno do consumo sempre despertou grande interesse, após anos atuando no mercado financeiro, não encontrava respostas sólidas para entender os motivos que levavam pessoas a entrarem no jogo de acúmulo de dívidas, muito menos um direcionamento de caminho a ser seguido. Esse questionamento constante, originou a busca por uma pós-graduação que abarcasse o entendimento interdisciplinar do consumo e suas repercussões na atualidade, para assim conseguir ampliar meus conhecimentos a respeito da área e conseqüentemente seguir uma linha de raciocínio.

A psicanálise nesse passo foi fundamental para aprender a valorizar as individualidades na formação da psique humana. Entender-nos como indivíduos faltantes e que se orquestram em uma busca contínua pela completude. Busca individual e única, respeitando a singularidade de cada ser. Outro marco relevante, são as transformações ocorridas na virada dos anos 60 para 70 que propiciou o movimento para o interior ao evocar o narcisismo em dois sentidos:

um de fechamento defensivo, com relação a um mundo invasivo e diante do qual nos sentimos impotentes. O outro, como evocação de uma crise de credibilidade nos sistemas simbólicos que deveriam intermediar nossa relação com o mundo (governo, família, religião, etc.) (SANTI, 2011, p.10).

A descrença impulsionou a falta de fé no outro e em todos os sistemas, tornando de certa forma cada indivíduo sua própria prioridade a qualquer custo. Mesmo que por vezes custe a felicidade e o bem comum.

Nesse estudo, não procuramos direcionar um caminho único para entender as relações, da pessoa que consome compulsivamente com todo seu processo de construção do Eu, e seus embates com a sociedade. Procuramos sim, ampliar o horizonte e mostrar que existem várias possibilidades para entender esse processo, e que todas possuem um grau de legibilidade, ao considerarmos que se trata de processos realizados, com pessoas de formações psíquicas e sociais distintas, não existindo nenhuma possibilidade de encontrar um processo idêntico.

Somos plurais, mesmo que a nossa relação com o consumo seja não patológica ou patológica ela se constituirá de forma única, e para entendê-la, será necessária uma análise considerando todas as informações particulares e teorias existentes. Aqui, tentaremos abordar de maneira clara e objetiva parte das teorizações a respeito do consumo e do consumo compulsivo, analisando no último ponto com dados da cultura brasileira, para assim aproximar melhor o entendimento desse fenômeno na nossa realidade.

2. Formação do indivíduo e desejo numa visão psicanalítica

Partiremos do entendimento da formação do Eu como processo, no qual a criança que até então se percebe como uma extensão da mãe, se depara com o princípio da realidade, no qual sua mãe é o outro na relação. Nessa transição, entende-se que precisa chorar por exemplo, para ser escutado e saciado, conseqüentemente.

O bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos. Deve impressioná-lo muito que várias das fontes de excitação, em que depois reconhecerá órgãos de seu corpo, possam enviar-lhe sensações a qualquer momento, enquanto outras – entre elas a mais desejada, o peito materno – furtam-se temporariamente a ele, e são trazidas apenas por um grito requisitando ajuda. É assim que ao Eu se contrapõe inicialmente um “objeto”, como algo que se acha “fora” e somente através de uma ação particular é obrigado a aparecer. (FREUD, 2010, p.18)

Nesse movimento de depender do mundo externo para suprir parte das suas necessidades fisiológicas ou até mesmo seus desejos, o princípio do prazer surge e busca evitar todo sofrimento, causado pela frustração por não obter o objeto prontamente. Tal mecanismo cria defesas contra sensações, tanto de desprazer externas e internas criando assim, uma eterna busca pelo prazer e uma fuga pelo desprazer. Algo que o faça se sentir completo novamente de alguma forma.

No início o Eu abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente – sim, todo – abrangente -, que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno. (FREUD, 2010, p.18)

Considerando que antes éramos um todo, para então nos tornarmos indivíduo, fica em nossa psique um resíduo desse sentimento de imensidão. Fazendo com que algumas pessoas, voltem às profundezas da psique para tentar recuperar o sentimento de completude, com o desejo de enfim encontrarem a felicidade. Em contrapartida, para suportar a vida, Freud já

apontava caminhos paliativos as poderosas diversões; gratificações substitutivas e substâncias inebriantes. Daremos destaque para as duas últimas:

As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psicologicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental. Os entorpecentes influem sobre nosso corpo, mudam sua química. (FREUD, 2010, p.29)

Vamos nos ater no segundo item que é mais pertinente em relação a nossa pesquisa, podendo colocar o consumo excessivo como uma forma de gratificação substitutiva para suportar a vida. O homem para além de qualquer sonho e meta, busca a satisfação de seus prazeres para assim encontrar a felicidade, o caminho escolhido para tal é cheio de subjetividades e particularidades. Não tendo um caminho único, não existe uma fórmula.

O consumo aqui encontra cenário propício, para se desenvolver como elemento principal e por vezes se transfigurar, como uma gratificação substitutiva na vida do indivíduo, trazendo o gozo momentâneo. Vemos nesse ponto, a necessidade de contornar melhor a questão da individualidade de cada pessoa e conseqüentemente de cada desejo.

O marco principal da psicanálise dentro do nosso objeto de estudo, é valorizar e procurar entender as particularidades dos desejos humanos. Dessa forma, não moralizamos o consumo e sim o vemos como "...um elemento muito importante – senão central – na experiência do homem contemporâneo" (SANTI, 2011, p.14). Tal elemento é fundamental para a construção da nossa subjetivação na atualidade, pois a formação de nossa identidade é um processo no qual:

todos os nossos atributos pessoais são dados de fora, do ambiente, através de nossas várias identificações e referências ao longo da vida. Mas, se o eu é uma colcha de retalhos, precisamos observar que todos os retalhos vêm de fora e, também, que não há duas colchas idênticas. Cada um acaba construindo e se reconhecendo como ser singular resultante dos retalhos que recolheu e da composição que fez (SANTI, 2011, p.31).

O consumo, em suas várias faces, vem ao encontro do indivíduo possibilitar, por vezes, sua expressão única e ao mesmo tempo alimentar seus desejos. Analisando mais a fundo por um viés teórico, a pessoa que completou de modo eficaz o complexo de Édipo (fase responsável pela organização mental da pessoa) se vê com limites bem delineados, entretanto aqueles que tiveram o processo de castração incompleto, conseguem assimilar a realidade, mas não respeitam a alteridade e tornam o próprio prazer como prioridade máxima, elegível em qualquer circunstância. Surge aqui o perverso, que se encaixa na figura atual do consumidor compulsivo ou adicto (SANTI, 2011). Aquele que coloca a própria satisfação acima de qualquer limite ou valor, nada difere nesse aspecto de qualquer outro tipo de compulsividade, seja legalizada ou não.

Quando falamos de compulsão, o desejo se torna peça-chave para seus entendimentos. Nesse quesito vale o seguinte excerto:

Inicialmente, vale a pena dizer que o desejo está ligado a uma falta. Ele é justamente o movimento que vai de uma falta em direção ao objeto supostamente capaz de supri-la. Um sentimento de privação gera um impulso (uma ânsia ou urgência) que exige descarga. Assim, em termos psicanalíticos, o desejo se liga à falta de um objeto e, ao mesmo tempo, à descarga de um excesso de excitação. Esta descarga é vivida como prazer e a busca por ele é o principal motor do funcionamento mental. (SANTI, 2011, p.51)

Essa busca é interminável, pois “Não há um objeto ou finalidade universal que dê conta do desejo humano” (SANTI, 2011, p.54). Somos seres múltiplos e por milênios buscamos por uma razão de nossa existência ou até mesmo um sentido restrito para viver e nenhuma conclusão foi encontrada. Por assim, seguimos conscientes de nossa incompletude, entretanto desejosos por um “milagre” que venha a nos preencher.

Trata-se da compreensão de que o desejo humano não tem objetos naturais, legítimos. Ele implica um excesso ligado à própria condição da vida. Esse excesso procurará objetos contingentes em busca de satisfação. O nascimento da experiência do consumo, tal como conhecemos no mundo moderno, parece se encaixar perfeitamente na necessidade de novos objetos que caracteriza o próprio movimento do desejo. (SANTI, 2011, p.55)

3. Consumo e seus desdobramentos na atualidade

O que é imprescindível é reconhecer que o consumo é determinado por diversas ordens de razão, e a dificuldade em compreender o processo não se deve ao fato de ele ser irracional ou inefável. (SANTI, 2011, p.31)

Que o consumo é uma questão central na atualidade não tem quem negue. Muito menos, que todos consomem de alguma forma. Suas diferentes maneiras de ser visto, - seja vestido como vilão que aliena, ou mocinho que movimenta as pessoas entre as classes sociais e amplia o acesso a bens, até então limitados, - não se excluem em si. O consumo não se apresenta como fenômeno simplório, por isso cabe análise em diferentes áreas de conhecimento e abertura de diálogo entre elas para assim obtermos um maior entendimento do mesmo. Para iniciar esse debate vale a seguinte explicação:

A sociedade de consumo não nasceu mecanicamente por causa de produtos mais numerosos vendidos a preços mais baixos: ela ganhou sua legitimidade e se difundiu socialmente por intermédio de uma cultura artística que, aplicada ao mundo dos bens materiais, empenhou-se em estetizar os espaços de venda metamorfoseados em lugares de maravilhamento capazes de criar novos ritos, novos fetiches, um novo estilo de vida (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 148).

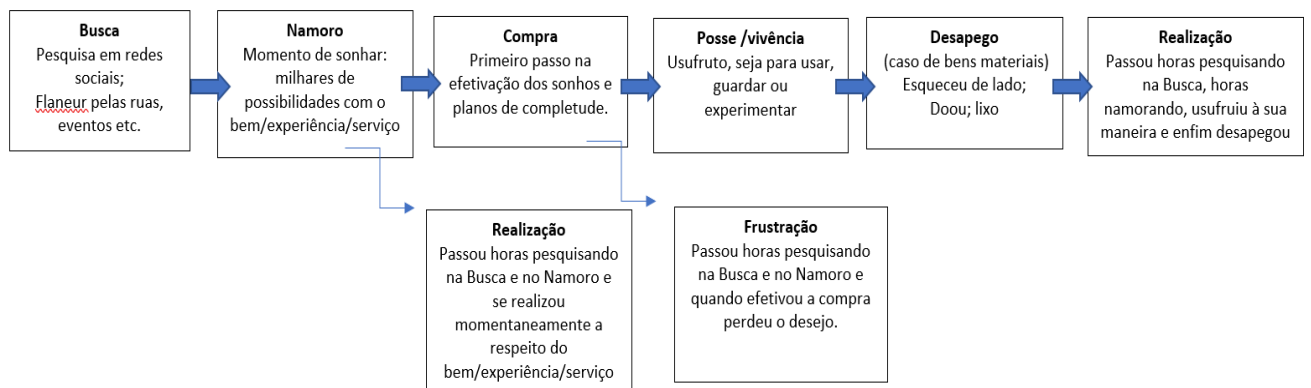
Os elementos que propiciaram o nascimento da sociedade do consumo, apresentada por Lipovetsky & Serroy (2015), são uma oposição clara a teorias como a do rebanho domado (mecanismos que foram criados para escoar os produtos), e/ou a do uso do produto ao escoamento do estoque (incentivo ao consumo, para sustentar a cadeia produtiva). Pois, inclui como fator principal, o elemento estético, nada do que convencionalmente seria necessário para a sobrevivência, mas sim um fator que alimenta nossos desejos e individualidades.

No viés de delinear o que é consumo, partimos do entendimento da professora, doutora Clotilde Perez, no qual o consumo é processo que não se limita apenas a comercialização em lojas físicas ou em plataformas virtuais. É um processo que se inicia desde a busca pelo bem, experiência ou serviço até o momento de usá-los e/ou contemplá-los. Dizemos mais, ao manusear, cuidar

ou até mesmo dar um outro sentido ao bem, estamos consumindo (PEREZ, 2020). Fica evidenciado assim, que o consumo superou as barreiras do ato de comprar e se instaurou como processo complexo e inevitável da atualidade. Ritual particular de cada consumidor, com suas particularidades e efeitos.

Para ilustrar melhor um pouco dessa realidade, do consumidor adicto, segue um esboço dos possíveis caminhos ritualístico desse universo tão diverso e perspicaz:

Figura 1 Fluxo do ritual de consumidor compulsivo



Fonte: Elaborado pela autora

O mais interessante do Fluxo do ritual do consumidor adicto, são suas possibilidades. Todos passam pela busca e pelo namoro, mas a realização e a frustração momentâneas podem ser obtidas por caminhos distintos. Mas se tratando de compulsão, todos vão voltar para a busca em um movimento contínuo, até que se encontre uma outra forma de descarga pulsional.

Agora voltados para um olhar mais antropológico, saindo um pouco da ritualização para seguir a linha de raciocínio do consumo como elemento diferenciador de classes e grupos sociais, como descrito a seguir:

o consumo nos dias atuais serve menos ao usufruto da funcionalidade dos produtos e mais a uma ideologia embasada na lógica da diferenciação entre classes e grupos sociais. Consumimos como ritual de participação (mesmo que puramente psicológica) em grupos aos

quais desejamos pertencer e para nos diferenciar de outros, com os quais não desejamos ser ou parecer associados. (BRANDINI, 2007, p.158)

Para além desses elementos de distinção ou inclusão apontados por Brandini, é cada vez mais nítido que “A busca por materializar valores e anseios imateriais é algo que coincide em alguma medida com o próprio processo de subjetivação” (SANTI, 2011, p.18). Processo natural de todas as pessoas e que na atualidade, por desencanto nos sistemas simbólicos, propiciou também uma cultura do narcisismo, na qual ocorre um “fechamento defensivo, com relação a um mundo invasivo, diante do qual nos sentimos impotentes.” (SANTI, 2011, p.10). Tal movimento, em uma sociedade que incentiva constantemente o consumo, e o amplifica com políticas de crédito facilitadas, encontra terreno fértil para nos reafirmar interna e externamente do mundo incerto através do consumo. Vale salientar que:

Na aventura cotidiana dos usos e consumos dos objetos, marcas e serviços, na apropriação singular que fazemos da cultura material, construímos nossa personalidade e nossa identidade social, enfim, compreendemos melhor quem somos (PEREZ, 2020, p.64).

É um processo contínuo de construção e reconstrução do nosso Eu em relação a cultura que estamos inseridos. Considerando que estamos na fase do capitalismo artista ou capitalismo tardio, o foco, não está mais simplesmente em “ter” e sim em “sentir prazer” ao consumir. Através de experiências personalizadas de acordo com os desejos individuais, entendemos que o sujeito encontrou, nessa nova articulação da sociedade, uma forma de tentar preencher a falta originária na constituição do sujeito não cabe mais, simplesmente configurar as identidades por aquilo que se possui e/ou pelo potencial de ainda consumir como Canclini idealizava em sua obra (CANCLINI, 2010). A dimensão foi ampliada e novos horizontes explorados.

4. Compulsão/ Adição no consumo

A compulsão se desloca na busca por prazer e no distanciamento do sofrimento. Mas em si, o que seria um movimento compulsivo? Nas palavras de Pedro de Santi:

comportamentos compulsivos – repetitivos, plenos de ansiedade, que ocupam integralmente o tempo e a energia da pessoa – e com o estabelecimento de uma dependência fundamental – que não aceita substituto – do objeto do vício. O próprio termo “adição” traz a conotação de escravidão. (SANTI, 2011, p.72).

O consumo aqui deixa de ser realizado para satisfazer uma necessidade e/ou um desejo, tornando-se um vício, uma dependência; algo feito de forma mecânica e irreflexível, logo algo que precise ser tratado e realocado nessa necessidade de descarga pulsional para outra atividade que não tenha os mesmos aspectos patológicos, independentemente de ser uma patologia legalizada pela sociedade ou não.

em direção a um objeto supostamente capaz de dar fim a ele, tal como define Freud – teria sido substituído por um movimento vazio de objeto e que se revela em sua compulsividade pura. (SANTI, 2011, p.41)

A compulsividade é aliada de esferas distintas, mas que nessa fase se encontraram para manter o avanço do sistema capitalista, unindo estratégias de comercialização com apelo emocional, que utilizam imagens belas sejam de vitrines ou de lugares cheios de possibilidades de significados confortantes e desejantes. Assim democratizando o direito ao desejo e até mesmo da aquisição de diferentes produtos consumíveis, através de políticas de crédito cada vez mais flexíveis e tentadoras, juntamente com estratégias publicitárias que reforçam o direito e até mesmo um possível “dever” de se proporcionar “pequenos prazeres”. Nesse aspecto vale citar, a existência de inúmeras propagandas em que as empresas de marketing criam uma atmosfera de plenitude, para compartilhar essa mesma sensação para o público-alvo e não só vender o produto, e sim a experiência, juntamente com a promessa de completude.

Outro fator importante foi o aumento da renda familiar, fator que possibilitou a ampliação do leque de consumo, segundo Lipovetsky & Serroy:

Uma vez satisfeitas as necessidades de base e adquirido o conforto material, o consumo é cada vez mais comandado pela busca de emoções, pela exigência de se proporcionar “pequenos prazeres”, pelo desejo de viver experiências agradáveis, de fruir bens de qualidade sensível, simbólica e estética. (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p. 329).

Na Era do hiperconsumo, o sujeito se vê possibilitado a desejar coisas que trazem bem-estar físico e emocional, seja em adquirir um objeto ou vivenciar uma experiência que lhe dê prazer ou até mesmo afirme sua identidade. Uma era cheia de possibilidades estéticas inesgotáveis. Uma remodelagem total do entendimento do que é consumir, pois:

Se consumir significa usar até o fim, compreendemos que hoje não se consome os bens adquiridos, mas sim a própria experiência de consumir. Consumir pelo prazer de consumir nos aproxima da questão do consumismo e da compulsão. (SANTI, 2011, p.27)

A compulsão se apresenta no sentido de consumir em dois movimentos de dependência, o primeiro para se distanciar do sofrimento da falta /desejo e o segundo para sentir prazer. Tudo isso alavancado nessa nova era que valoriza a busca pela individualidade ao perder parte das referências simbólicas, encontrando solidez apenas no Eu. Um movimento totalmente voltado para o interior, reforçando em todos os passos o narcisismo. O caminho mais viável e seguro para interagir na sociedade acabou sendo por meio do consumo.

uma cultura do narcisismo não é aquela na qual as referências sólidas acabam de se perder, mas aquela na qual a instabilidade de longa data torna-se insuportável e leva à busca de refúgios que possam parecer mais sólidos e seguros. (SANTI, 2011, p.40)

O vício por sua vez, já foi teorizado em inúmeras áreas, com diferentes olhares e por aqui, vamos nos ater a visão da psicanálise freudiana.

podemos dizer que a primeira referência de Freud aos vícios diz respeito à busca de um prazer alheado dos objetos de amor externos, tornando – se independente destes. Um prazer autoerótico; algo que

se situa entre a alucinação com o objeto da experiência de satisfação e uma relação com objetos externos (SANTI, 2011, p.74).

A compulsivamente nessa lógica do Capitalismo, possibilita um novo olhar não só para as particularidades da formação do inconsciente, como também a forma que cada indivíduo assimila e reage aos estímulos e estresses que recebe no dia a dia. Em um mundo, em que a moral se tornou tão relativizada para tentar atender a necessidade de expansão do Capitalismo, juntamente com a orquestra dos desejos estéticos dos sujeitos, a consciência moral também foi pluralizada gerando assim: “novos tipos de mal-estares e de dramas na vida dos indivíduos: a ansiedade, a sensação de vazio, a depressão, adicção, a perda de confiança em si, a depreciação de si” (LIPOVETSKY & SERROY, 2015, p.294). Se vê aqui necessário, recorrer ao pai da psicanálise para entender o movimento que o indivíduo faz para buscar o prazer e felicidade e interpretá-lo a luz dos novos movimentos, dessa forma para Freud:

Depende de quanta satisfação real ele pode esperar do mundo exterior e até que ponto é levado a fazer-se independente dele; e também, afinal, de quanta força ele se atribui para modificá-lo conforme seus desejos. Já neste ponto a constituição psíquica do indivíduo, à parte as circunstâncias externas, será decisiva. (FREUD, 2010, p. 41).

O vício humano traz por um lado, o prazer imediato, e por outro um distanciamento da realidade de sofrimento. Mas como cuidar de um vício que gera lucros para o sistema? E mais, um vício que mantém vivo um sistema que privilegia uma minoria detentora de grande influência política e econômica. Essa é uma das muitas perguntas sem respostas, em um mundo de moral relativizada e com um sistema econômico que cada vez mais lucra com as patologias humanas. Para entender, se faz necessário navegar em direções distintas e por vezes conflitantes, mas sempre com o olhar atento e acolhedor para novas particularidades

A viagem pelo mundo do Capital e de seus desdobramentos, só está começando, questionamentos estão sendo levantados e possíveis caminhos traçados. Dentre as nossas principais angústias momentâneas estão: Será que os transtornos de consumo compulsivos são um dos sintomas dessa etapa do

Capitalismo? Caso a resposta seja positiva como tratar? Como encontrar um equilíbrio? E mesmo que o equilíbrio seja encontrado, estamos falando de um sistema que se reinventa a todo instante e em cada movimento novas estratégias são feitas e novos sintomas nascem. Agora nos resta saber quais serão os impactos dos próximos movimentos.

5. Dimensões do consumo no Brasil e endividamento

Uma outra dimensão importante do consumo são as políticas de crédito, falaremos um pouco desse setor no Brasil entrelaçando-o com questões de gestão de políticas públicas e econômicas. Nos anos de 2003 até 2012 tivemos uma movimentação nas classes sociais brasileiras, devida principalmente a políticas públicas do governo Lula. As facilidades proporcionaram produção de produtos exclusivos para atenderem essa nova demanda e assim aqueciam ainda mais a economia em diversos segmentos. Esse acesso possibilitou a realização de desejos de milhares de brasileiros que até então sonhavam com coisas banais, para a minoria privilegiada, como ter uma televisão com alta resolução, viajar de avião, frequentar museus e realizar um curso de idioma, por exemplo. Cabe aqui a seguinte elucidação:

Ou seja, os brasileiros das classes mais baixas precisavam de acesso para fazer fluir o consumo cultural e midiático e a busca pelo conhecimento, inclusive institucionalizado (PEREZ, 2020, p.90).

No início de 2021, a Associação Brasileira de Defesa do Consumidor (Proteste) levantou que 81% das pessoas apontam o mau uso do cartão como o grande vilão no descontrole financeiro. Em uma matéria do site Monitor Mercantil, um estudioso aponta que o grande problema são os limites superiores por vezes a renda, facilitando o gasto acima do poder aquisitivo. Um desencaixe no caixa nesse cenário causa um desequilíbrio e por vezes a única saída do consumidor é realizar um parcelamento da fatura, pagando taxas de juros elevadíssimas. Nesse momento delicado, se a pessoa não fizer um planejamento financeiro dos próximos passos as chances de entrar em uma verdadeira dívida sem fim, são imensas.

Endividamentos não só são problemas que atingem o consumidor, mas também reverberam em todo o ciclo de convívio. Na pesquisa realizada pela plataforma Acordo certo, e apresentada no site do Jornal Contábil, os problemas financeiros geram principalmente:

alterações de humor (72%) ou sono (71%), além de ansiedade (67%) e baixa produtividade nas tarefas do dia a dia (62%). A problemática é também corroborada pela *healthtech* [Zenklub](#), maior plataforma de saúde emocional e desenvolvimento pessoal do País, que registrou aumento de 230% na quantidade de citações sobre a vida financeira nas sessões de terapia realizadas por brasileiros em 2020, em comparação com o ano anterior. (JORNAL CONTÁBIL, 2021)

Não obstante dos malefícios psicológicos, os problemas financeiros são responsáveis por 57% dos divórcios realizadas na última década no Brasil, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ampliando seu impacto negativo nas famílias.

A importância desse levantamento de dados, vem para reforçar a exemplificação do cenário que o consumidor compulsivo vive na atualidade, principalmente em nosso país. Já consideramos a adição como uma patologia, que precisa de cuidados, mesmo quando é voltada para um vício não marginalizado. Mas sim um vício alimentado e impulsionado pelos meios de comunicação com o propósito de manter o sistema econômico. Não deixamos aqui de prestigiar as campanhas publicitárias de causa, que atualmente alinham estratégias econômicas com reais preocupações sociais, levantando assim uma campanha por trás de seus anúncios e vendas. Não focando todas suas forças no retorno financeiro, mas deixando espaço para o social, para o humano. Vale a definição:

“publicidade de causa” toda ação comunicacional inserida na ecologia publicitária que, podendo ter objetivos mercadológicos mais ou menos evidentes, expressa o posicionamento ou a ação do anunciante (empresa ou marca) em relação a alguma questão social (SANTAELLA, PEREZ & POMPEU, 2021).

Os avanços da publicidade de causa, demonstram uma mudança no pensar e agir do consumidor que valoriza a singularidade e realiza o consumo de uma maneira pelo menos um pouco mais reflexiva. Talvez, essa pausa para reflexão, no momento do consumo, independente da etapa possa trazer uma realização do desejo mais “constante”.

6. Considerações finais

Estudar consumo, falar sobre consumo, é algo prazeroso pois é algo tangível, real e ao mesmo tempo intrigante. Por vezes, uni minha experiência de campo, na área financeira, com as teorias que ia apreendendo, para assim organizar parte das possibilidades do ritual do consumo. Vivenciei por anos clientes que consumiam de forma puramente para descarga pulsional, sem ter um objeto/experiência específico de desejo; era um movimento de prazer puramente por prazer, sem considerar qualquer outra coisa, não sendo trivial mostrar os malefícios financeiros na vida da pessoa, levada, por vezes, até a falência. Isso sem considerar as inúmeras discussões conjugais que presenciei em decorrência da adição.

Pensar consumo nos dias de hoje - com políticas de crédito cada vez mais facilitadas e com pouco incentivo à educação financeira da população - é o mesmo que pensar em puxar a corda da própria força. É deixar que as pessoas se iludam, com uma falsa ideia, por vezes, de poder aquisitivo e logo uma grande decepção vinda em juros exorbitantes e aumento do endividamento. Isso sem nenhuma exclusividade dos adictos, é um cenário que estamos todos à mercê.

Os diversos níveis de compulsão que vivenciei e as diferentes relações que as pessoas tinham com eles, mostraram, por vezes, o quanto, em alguns momentos, todos estamos frágeis a uma propaganda com apelo emocional e corremos o risco de dar o primeiro passo em direção a um vício. Tal vício pode não ser discriminado pela sociedade, mas com certeza trará malefícios para o dia a dia.

Os desejos e toda sua trama na singularidade de cada indivíduo me despertavam cada vez mais para o caminho da psicanálise, na qual a mente é protagonista e estudada com primor. Hoje, vejo a importância, do complexo de Édipo completo com êxito, na formação de um sujeito que entende seus limites e lida de forma não patológica com seus desejos. Não que estaremos isentos, de buscar as gratificações substitutivas/ válvulas de escape, mas não seremos escravos delas. Uma diferença fundamental para uma vida não conturbada com vícios.

7. Referências Bibliográficas:

BAUDRILLARD, Jean, A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1995.

Brandini, Valéria. (2007). Por uma etnografia das práticas de consumo. Revista CMC, Volume 4 – Nº 9. <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/94/95>>.

CANCLINI, Néstor. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

Cartão de crédito é maior vilão do endividamento dos brasileiros. Monitor mercantil, 2021. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/cartao-de-credito-e-maior-vilao-do-endividamento-dos-brasileiros/>>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

Cerca de 57% dos divórcios no Brasil são motivados por problemas financeiros, aponta IBGE. D Ponta News, 2020. Disponível em: <<https://dpontanews.com.br/brasil/cerca-de-57-dos-divorcios-no-brasil-sao-motivados-por-problemas-financeiros-aponta-ibge/>>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

COSTA, J. F. O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930- 1936). São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

LIPOVETSKY , Gilles e Jean SERROY. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

Nolasco, Ligia R. (2014). Sintomas da clínica contemporânea: um olhar psicanalítico sobre o Transtorno de Compras Compulsivas. Revista Flutuante, Volume 6- nº 1. <<https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/20538>>.

PEREZ, Clotilde. Há Limites para o consumo? Coordenado por Lucia Santaella-Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2020.

Santaella, L., Perez Rodrigues, M. C., & Pompeu, B. (2021). Semiótica da causa nas relações de consumo: Os vínculos de sentido entre acaso, causação eficiente e propósito em campanhas publicitárias. *E-Compós*, 24. <<https://doi.org/10.30962/ec.2128>>.

SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de, Desejo e adição nas relações de consumo, São Paulo: Zagodoni, 2011.

VASCONCELOS, Ester. Problemas financeiros: Quais os impactos dessa realidade na saúde mental da população. Jornal Contábil, 2021. Disponível em: <<https://www.jornalcontabil.com.br/problemas-financeiros-quais-os-impactos-dessa-realidade-na-saude-mental-da-populacao/>>. Acesso em: 12 de out. de 2021.